

CAMPANHA DA FRATERNIDADE 2017: Biomass brasileiros e defesa da vida na Escola

Pastoral Escolar Vicentina – Província de Curitiba

→1ª PARTE - VER

Introdução

Desde sua origem na década de 1960, a *Campanha da Fraternidade (CF)* é um dos projetos pastorais mais expressivos da Igreja Católica no Brasil. As temáticas anuais, escolhidas a partir das demandas e urgências da realidade sociocultural brasileira, explicitam o compromisso social da fé cristã. Esse envolvimento encontra sua referência espiritual e teológica no Ensino Social da Igreja – também conhecido como Doutrina Social da Igreja (DSI). Esta corresponde a um conjunto de princípios éticos, fundamentados no Evangelho, que tem o intuito de orientar as comunidades cristãs quanto à sua presença e atuação na sociedade. Economia, política, cultura, ecologia, entre outros, são aspectos da vida social dos quais o Ensino Social se ocupa, na convicção de que existe uma mútua dependência entre o aperfeiçoamento da pessoa humana, cuja dignidade é um dos princípios fundamentais da DSI, e o desenvolvimento da sociedade. A vida humana possui, assim, uma dimensão social (cf. *Gaudium et Spes* – GS, 25) e é nesta lógica que somos chamados/as a refletir e dinamizar as CFs.

Como proposta de diálogo entre Igreja e sociedade, a CF envolve diferentes interlocutores, tais como comunidades de fé, organismos socioeclesiais, instâncias públicas e não-governamentais. Cabe um destaque às quatro edições da Campanha da Fraternidade Ecumênicas (2000, 2005, 2010 e 2016) que, além de explicitarem a ecumenicidade da fé como elemento identitário das igrejas, reuniu-as em torno de projetos e ações voltados para o bem comum e a justiça social. A CF provoca as igrejas e comunidades cristãs a pensar e testemunhar a fé para além de seus guetos confessionais, deixando-se interpelar pelas situações que ferem e ameaçam a vida do povo, contradizendo o projeto de vida que Deus para ele.

Em sintonia com edições anteriores¹, a CF 2017 convida, de modo mais imediato os/as cristãos/ãs, e toda sociedade a refletir sobre os *biomas brasileiros*, cuja diversidade expressa a beleza e riqueza dos recursos naturais e socioculturais do país e, ao mesmo tempo, dá a conhecer a vulnerabilidade e exploração irresponsável a que estão expostos. Nesta perspectiva, convida pessoas, igrejas, tradições religiosas e sociedade a uma efetiva atitude de *defesa da vida*, na consciência de que, por chamado divino, nossa missão-vocação em relação à criação é “cultivar e guardar” (cf. Gn 2.15).

O desafio de toda CF é superar uma abordagem informativa e conceitual, e promover um envolvimento estrutural que seja efetivo e permanente. Não basta constatar a situação; é preciso dispor-se a um movimento conjunto e integrado que, assumindo os riscos e consequências da ação, traduzam a fraternidade em uma *práxis* libertadora. Neste sentido, reflexão e ação, dimensões imprescindíveis de toda ação

¹ Cf. Texto-base, p. 19-21.

pastoral, se apresentam como passos simultâneos a serem dados no tempo forte da Campanha, vivido na Quaresma, e para além dele. Na perspectiva de uma “Igreja em saída”, o estado de *campanha* relembra à Igreja de Cristo sua vocação missionária, fundada no testemunho e na promoção do Reino que, na atualidade, passa necessariamente pela escuta atenta dos apelos da Criação. Em sintonia com esta proposta, o ambiente e o projeto educativo se configuram como um espaço privilegiado para um aprofundamento propositivo da CF 2017 na escola e para além dela.

1. Pressupostos para a abordagem da CF 2017

A fim de situar e articular metodologicamente o tema *biomas brasileiros e defesa da vida*, propomos três interfaces, ou seja, três chaves de leitura que possibilitam uma compreensão contextualizada do tema, especialmente do âmbito educativo, que é o contexto a partir do qual falamos. Obviamente, são dimensões que também podem ser úteis para outros âmbitos.

Em primeiro lugar, situamos a CF 2017 dentro do paradigma da emergente *Ecologia Integral (EI)*. Esse conceito nos é apresentado na *Laudato Si' (LS)*, a mais recente encíclica social escrita pelo Papa Francisco, publicada em 2015. Entendemos a EI como a relação de mutualidade e interdependência entre Criação e criaturas, abarcando as diferentes relações existentes entre elas. Dessa lógica, nos é possível inferir que tudo que se refere à vida está interligado, abarcando as dimensões humanas e sociais (cf. LS, 137). Elas se situam tanto no plano macro, e na complexidade das estruturas e relações da sociedade, como também no nível de uma *ecologia do cotidiano*, que envolve os espaços existenciais percorridos pelas pessoas (cf. LS, 147). Assim, ao falarmos de biomas brasileiros os situamos na conjuntura a vida social, política, econômica e cultural do país, relendo-os à luz de seu processo histórico. Também se faz necessário levar em conta os elementos subjetivos que constituem esse cenário e que são marcas da contemporaneidade, expondo suas contradições e possibilidades. A EI leva ao entendimento de que a complexa crise ecológica que vivemos tem uma raiz humana, ou seja, é a “manifestação externa de uma crise ética, cultural e espiritual da modernidade” (LS, n. 119). Em relação aos biomas, essa premissa nos leva a abordá-los considerando não somente suas características biológicas e geográficas (clima, fauna, flora), mas a interação e intervenção humana que neles acontece.

Um segundo pressuposto, de certa forma, se apresenta como consequência lógica do anterior. A percepção da interconexão entre ser humano-natureza-sociedade leva à constatação de uma dialética constitutiva entre estes. Da mesma forma, o *diálogo* não se limita ao âmbito do *bios*, mas envolve a pluralidade que caracteriza o ambiente, a humanidade e suas inter-relações. A constatação de que vivemos em um mundo plural, ainda mais impulsionada pela globalização, nos move a assumir o diálogo como um imperativo para indivíduos, coletividades e estruturas. Ele é, ao mesmo tempo, princípio orientador e método, caminho para que essas relações sejam comunicadoras de vida. Em diferentes níveis e linguagens, viver é dialogar. Assim, consideramos os biomas nessa comunicação e cooperação mútuas de suas características naturais, humanas e culturais, e vislumbramos a escola como

um *laboratório* do diálogo, capaz de propor a integração entre ciência, técnica, experiência e espiritualidade.

Por fim, assumimos a *caridade* como princípio fundante, a partir da qual situamos a Criação numa esfera que transcende sua lógica natural e imanente. A caridade nos permite uma leitura da vida como expressão de uma proposta amorosa e transcendente que, na perspectiva cristã, se revela como parte do projeto salvífico de Deus. Cada ser criado é envolvido pelo desígnio da caridade-bondade do Criador (cf. Gn 1, 31), na qual encontra sua dignidade e sua missão no conjunto da obra criada. Ao ser humano cabe a tarefa singular de “cultivar e guardar” (cf. Gn 2,15), não como reação instintiva de preservação da espécie ou sob o temor de possíveis catástrofes naturais e de seus efeitos, mas no entendimento que cada criatura está envolvida neste plano de transcendência. Na ótica do carisma vicentino, assumimos a caridade em sua inseparável vertente – afetiva e efetiva – e na particularidade de atenção e cuidado às realidades de maior fragilidade e vulnerabilidade. O serviço dos pobres, que se encontra no âmago do carisma, ressoa hoje nas pobreza da natureza e da biodiversidade ameaçada. A caridade evangélica move-se, então, na lógica de uma conversão ecológica, onde seja possível superar uma mentalidade predatória e gerar novas relações de presença e ação voltadas para a manutenção e preservação da vida. Entre as frentes pelas quais o carisma se dinamiza, a educação é, mais uma vez, uma via com um potencial reflexivo e prático indispensável.

2. Biomas brasileiros: contextualização e características²

No que se refere especificamente ao tema da CF 2017, um primeiro movimento corresponde a conceituar e contextualizar o que se entende por biomas. Explorando o significado semântico da palavra – *bio* (vida) e o sufixo *oma* (massa, grupo ou estrutura de vida), o texto-base se utiliza de uma definição proposta pelo IBGE:

“[...] Um bioma é um conjunto de vida (animal e vegetal) constituído pelo agrupamento de tipos de vegetação contíguos e identificáveis em escala regional, com condições geoclimáticas similares e história compartilhada de mudanças, o que resulta em uma diversidade biológica própria” (IBGE, 2004. *apud*. CNBB, 2016. p. 13).

No cenário brasileiro, são usualmente identificados 6 biomas³: Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica, Pantanal e Pampa, cada um apresentando suas particularidades biológicas, geográficas e culturais. Vale ressaltar que tais biomas não se limitam às fronteiras geopolíticas do Brasil, mas se estendem pelos territórios de outros países da América do Sul.

² As informações aqui apresentadas foram extraídas, principalmente, da primeira parte do Texto-base da CF 2017 (CNBB, 2017. p. 22-71).

³ Esse número não é consenso entre os especialistas. Para alguns, por exemplo, o ecossistema dos manguezais e a floresta de araucárias é assumido como biomas próprios. No texto-base, eles são abordados como ecossistemas que integram o bioma Mata Atlântica.

A **Amazônia** corresponde ao maior bioma do país, abrangendo nove de seus estados, além de oito países sul-americanos. O conjunto dos territórios que formam esse bioma em solo brasileiro é denominado **Amazônia Legal**, a qual corresponde a 61% do território nacional e abriga uma população de aproximadamente 24 milhões de pessoas, 80% destas vivendo no espaço

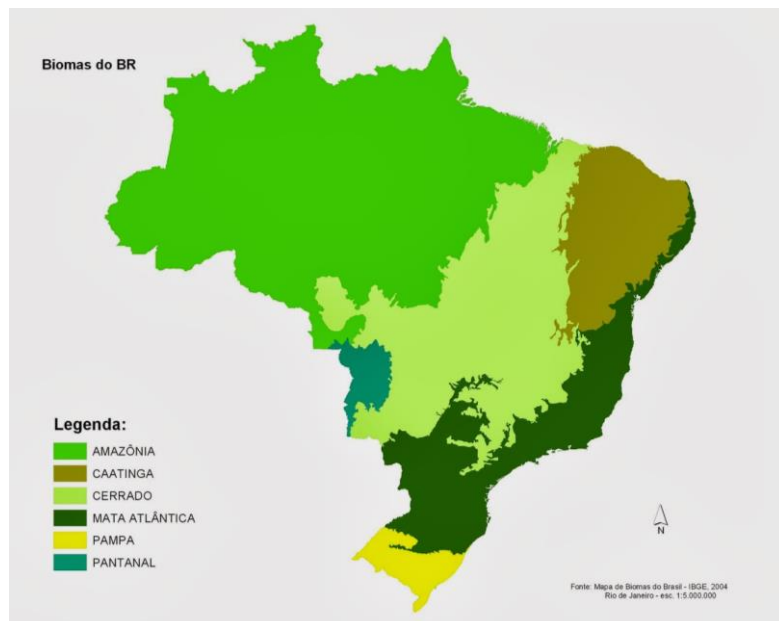


Figura 1: Biomas brasileiros (Fonte: (Imagem: PANORAMA GEOGRÁFICO DO BRASIL).

urbano. A **Panamazônica**, por sua vez, é formada pela extensão da floresta amazônica nos demais países acima referidos (Colômbia, Peru, Venezuela, Equador, Bolívia, Suriname, Guiana Francesa e Guiana Inglesa). Sendo um dos biomas mais cobichados internacionalmente em razão de sua rica biodiversidade, contém a maior bacia hidrográfica do mundo, tendo uma importância fundamental no ciclo das águas, como também no ciclo do carbono. Caracterizada por um clima quente e úmido, e uma vegetação de floresta fechada com árvores de grande porte, na Amazônia se encontra a maior reserva de madeira pluvial e tropical do mundo, bem como o maior rio em volume de água – Rio Amazonas. Sua riqueza também se expressa do ponto de vista cultural, constituído por seus povos originários e pelo modo integrado e respeitoso com que, a partir de seus conhecimentos e saberes tradicionais, fazem uso dos recursos naturais.

A **Caatinga**, cujo nome de origem tupi guarani que significa ‘mata branca’, é um bioma exclusivamente brasileiro, localizado quase totalmente na região Nordeste. Responde por 90% do território abrangido pelo clima semiárido, que se caracteriza por ser o mais chuvoso do planeta. Suas formas de vida possuem uma notável capacidade de adaptação em virtude da alternância entre os tempos de seca e chuva. Durante a estiagem a Caatinga vive como um processo de hibernação, poupando água e energia, revivendo na época das chuvas. Seu subsolo, formado por rochas cristalinas, é formado por poucas nascentes e rios, bem como tem reduzida capacidade de retenção de água. Além disso, a quase totalidade de seus rios são intermitentes, ou seja, apresentam correnteza somente na época das chuvas. Os povos que habitam este bioma, constituídos especialmente pelas etnias indígena e branca, desenvolveram um estilo de vida adaptado às condições de sua vegetação e clima, sustentando uma notável sabedoria popular. O desconhecimento destas suas características peculiares faz com que esse seja o bioma sob o qual se tenha mais preconceitos e estigmas.

O **Cerrado** – por alguns especialistas chamado de **Cerrados** - é considerado o bioma mais antigo do país, remontando a 65 milhões de anos. Formado por uma

vegetação característica de estações climáticas bem definidas (uma chuvosa e outra seca), se encontra principalmente na região Centro-Oeste do país. Com vastas áreas de interface com outros biomas brasileiros, o Cerrado abrange 37% do território do país onde vivem 37 milhões de pessoas. As árvores de galhos tortos e pequeno porte, uma das principais características de sua flora, possuem raízes profundas; 70% de sua biomassa se encontra dentro da terra, de modo que é tido como uma “floresta de cabeça para baixo”. Entre suas fragilidades, está a de que, uma vez devastado, não é passível de revitalização, o que preocupa, tendo em vista que possui a menor área sob proteção. É um bioma extremamente importante no ciclo das águas; seu subsolo poroso que retém água proveniente, sobretudo, dos ‘rios aéreos’ formado pela evapotranspiração da Amazônia, permite que seja conhecido como “caixa d’água do Brasil”, contribuindo para as principais bacias hidrográficas brasileiras e na recarga dos aquíferos. O Cerrado agrega a área de savana mais rica do planeta, com uma rica biodiversidade; ao mesmo tempo, contém o maior número de espécies sob risco de extinção. A sociodiversidade deste bioma agrega os povos indígenas - seus primeiros habitantes - os camponeses e agricultores familiares, entre outros grupos ligados à terra e ao extrativismo, que tem em comum a permanente luta pela justa distribuição e uso sustentável da terra.

A *Mata Atlântica*, decretada pela UNESCO como Reserva da Biosfera, é o bioma brasileiro que mais sofreu com a intervenção humana. De seu território original que percorria a extensão de 17 estados hoje, restam pouco mais de 10%, fruto da exploração massiva que remonta os tempos da colonização. Embora ameaçada e com poucas áreas de preservação, a Mata Atlântica tem grande poder de regeneração. Presta serviços ambientais indispensáveis, como a regulação do fluxo de mananciais hídricos, controle do clima, fonte de alimentos e plantas medicinais, além da rica biodiversidade que contém. Cabe um destaque aos manguezais, designados como Áreas de Preservação Permanente (APPs) e que possuem um papel relevante na manutenção da vida marinha, especialmente na transformação de nutrientes em matéria orgânica. Vivem nesse bioma muitos povos e comunidades tradicionais, tais como indígenas, quilombolas, pescadores, entre outros, além de contar com uma grande concentração urbana.

O bioma *Pantanal*, considerado uma das maiores extensões úmidas do mundo, é o menor em extensão territorial no país (1,7%). Também declarado Reserva da Biosfera e patrimônio Natural Mundial pela UNESCO, abrange dois estados brasileiros (Mato Grosso e Mato Grosso do Sul) e três países da América do Sul (Brasil, Bolívia e Paraguai). O Pantanal é uma grande planície de inundação, de modo que regiões deste mudam de habitat aquático e terrestre, conforme os períodos das cheias e da estiagem. Esse ciclo está inter-relacionado com a manutenção das espécies e o equilíbrio da paisagem. Os povos que nele habitam são marcados pela miscigenação entre etnias indígenas, ribeirinhos e populações advindas de outros estados e países vizinhos, sintetizadas numa cultura pantaneira com características peculiares. É o bioma com maior índice de preservação (84%).

Por fim, o *Pampa*, palavra de origem indígena que significa “região plana”, abrange parte do estado do Rio Grande do Sul, se estendendo pela Argentina e pelo Uruguai. Sua principal característica é a vegetação, formada por espécies de pequeno porte, identificadas como campos limpos (sem arbustos) e campos sujos (com arbustos maiores). Outro elemento singular do Pampa é o vento, fator de influência

tanto a paisagem quanto os hábitos do povo pampeano. Nele se localiza a maior extensão do Aquífero Guarani, reserva de água doce fundamental para o continente latinoamericano e para a manutenção da biodiversidade. A sociodiversidade deste bioma provém da miscigenação de etnias indígenas, quilombolas, açorianos, desenvolvendo uma cultura de relação próxima com a terra, especialmente pela atividade pastoril. Vale destacar o importante papel desempenhado pela mulher na conservação pampeana.

3. Fragilidades e desafios dos biomas brasileiros

A beleza e potencial natural e sociocultural de cada bioma convivem com fragilidades e ameaças de vários níveis, particularmente oriundas da intervenção humana predatória e irresponsável. Além do esgotamento de recursos naturais, muitos dos quais não são renováveis, a ação desmedida do ser humano, movida por interesses diversos, especialmente de caráter econômico e financeiro, intervém nos ciclos da natureza, necessários para o equilíbrio da biodiversidade e para manutenção das condições adequadas de vida. A complexidade destes limites se revela na conexão entre as diferentes dimensões que envolvem as relações entre o trinômio ser humano-natureza-sociedade, tais como questões biológicas e geopolíticas, socioculturais, econômicas, éticas, entre outras.

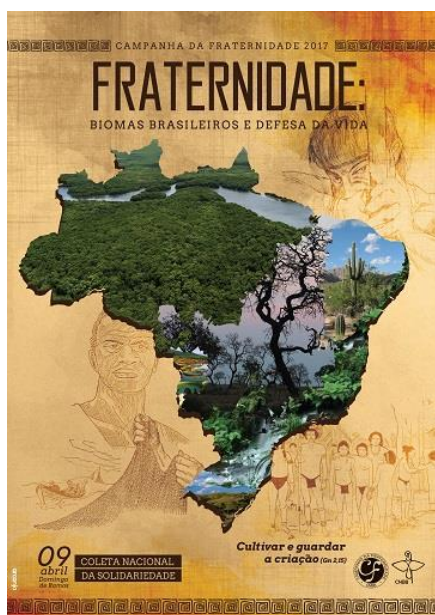


Figura 2: Cartaz da CF 2017 (Fonte: CNBB).

Uma primeira consideração diz respeito ao risco de extinção dos biomas brasileiros frente o atual padrão de exploração. Essa ameaça está diretamente relacionada à expansão agropecuária e à urbanização. Cerrado e Mata Atlântica, por exemplo, já se encontram na lista mundial de Hotspots⁴ (MUNDO EDUCAÇÃO, 2017⁵). É sabido que, por sua relevância natural, muito do futuro da humanidade passa pela Amazônia (CNBB, 2016. p. 25), futuro este ameaçado por políticas governamentais de incentivo às hidrelétricas, mineração e do agronegócio, práticas que são invasivas às características próprias do bioma. A biodiversidade amazônica é objeto de ambição nacional e internacional, que se expressa no tráfico de espécies de fauna e flora, na extração ilegal de madeira, no desmatamento⁶ desmedido. Com 80% de sua população vivendo no meio urbano, o bioma também apresenta baixos índices socioeconômicos, agravados pela carência de políticas públicas voltadas às demandas da população. Os povos tradicionais amazônicos, que possuem uma relação diferenciada com a riqueza do bioma que

⁴ Corresponde a áreas com grande diversidade que se encontram sob ameaça de extinção.

⁵ Disponível em: < <http://mundoeducacao.bol.uol.com.br/geografia/biomos-brasileiros.htm>>. Acesso em: 20 jan. 2017.

⁶ O mapa do desmatamento apresenta índices diferenciados em cada bioma, mas representam um risco crescente para todos. Do território original dos biomas, a Amazônia já perdeu 17%; Caatinga 45,6%; Cerrado 50%; Pantanal 15,18%; Mata Atlântica 87,5%; Pampa 54%.

integram, são muitas vezes vistos pelos interesses do capital como empecilhos para o desenvolvimento econômico almejado por grandes corporações, em geral alinhadas ao poder público (CNBB, 2016. p. 26). Emergem daí os históricos e intensos conflitos pela terra, que reverberam na violência, na exploração da mão-de-obra, inclusive em regime de trabalho escravo, associado a outras formas de exploração como o tráfico humano e exploração sexual.

A monocultura com o uso indiscriminado de agrotóxicos e a pecuária extensiva representam igual risco ao bioma pantaneiro. Esses fatores, aliados ao plantio de pinos e eucaliptos, e outros monocultivos que originam os chamados “desertos verdes”, influenciam igualmente o Pampa e têm acentuado o processo de arenização de seu solo, como também prejudicado as reservas de água.

No geral, observa-se que um dos grandes desafios dos biomas, tanto do ponto de vista ambiental quanto sociocultural, é a tentativa de impor um padrão de desenvolvimento e um estilo de vida que ignoram a vocação natural dos ecossistemas. Desequilíbrios na cadeia alimentar, proliferação demasiada de algumas espécies contrapostas à extinção de outras, agravados pela manipulação genética que está associada a engendramentos de interesse financeiro, do qual o agronegócio é um dos principais arautos, são desafios que interpelam o cotidiano dos biomas e comprometem seu futuro. Aliada a estes limites está a falta de incentivo e estrutura alternativas, capazes de gerar renda e produção sem comprometer a biodiversidade, tais a agroecologia. Considerando o alto índice de urbanização do país, a defesa da vida dos biomas precisa também ser considerada a partir das demandas da cidade. Além da urgente revisão do modo de consumo individual e coletivo, faz-se necessária uma séria disposição política em promover e efetivar os direitos básicos das pessoas e da natureza, respeitando as especificidades culturais e naturais presentes no país.

4. Biomas, defesa da vida e educação

A constatação simultânea da dignidade e da importância da biodiversidade e das identidades socioculturais que constituem os biomas, bem como de suas fragilidades e ameaças, nos leva a identificar a urgência de uma nova mentalidade e estilo de vida e de consumo. Esta via passa, necessariamente, pela educação, seja em seu âmbito cotidiano e popular, como também pela sua via formal. Uma educação em perspectiva ecológica e integral - entendida na ótica de *educere* (conduzir para fora) – provoca indivíduos, coletividades e sistemas a uma percepção que transcenda as fronteiras de seus guetos conteudísticos e curriculares, ao mesmo tempo que move a revisão dos pressupostos e direcionamentos do projeto educativo que se assume. Perguntamo-nos: que projeto de ser humano e sociedade está na base de nossa prática educacional? Nosso conhecimento e nossa prática pedagógica situam-se no horizonte do bem comum, do respeito às dimensões e tempos das identidades – também da natureza - no respeito à diversidade, ou estão atrelados ao uma lógica de consumo e poder, em que o saber se torna refém de um mercado tecnocrático?

Essa provocação interpela diretamente ao projeto político-pedagógico que a escola assume, sobretudo no que se refere às suas concepções básicas, sob as quais se fundamentam a tendência pedagógica e metodologias assumidas. A escola é, assim, instância crítica e autoral da educação, e não meramente uma cumpridora de

deliberações jurídicas e curriculares. No plano prático, o tema da CF 2017 convoca a escola a intensificar o trabalho interdisciplinar, seja no campo da científico, como relacional e empírico. Mais do que uma tarefa de sala de aula, trata-se de um movimento a ser suscitado com a comunidade educativa. A escola goza da prerrogativa de contar com profissionais capacitados/as, professores/as das áreas de ciências biológicas e sociais, que podem e devem ajudar os/as educandos/as, colegas e famílias a mergulhar com propriedade na temática da CF 2017. Uma boa formação e informação sobre o tema certamente possibilitará que, aqueles/as que as tiverem, possam ser seus/suas multiplicadores/as.

Mas, não basta informação e conhecimento conceitual; é preciso despertar a sensibilidade humana, ética e espiritual, que configuram um olhar de cuidado e preservação sobre a vida em todas as suas formas, e move para atitudes e ações condizentes a este. Ações concretas como, por exemplo, voltadas à adequada separação e destino do lixo, atenção ao desperdício de água e alimentos, opção pelo uso de materiais biodegradáveis ou pouco poluentes, entre outras, é o mínimo que se espera da escola. Mas, é pouco e muitas vezes se restringe ao ambiente educativo. Urge uma atitude permanente de preservação como convicção, que seja capaz de se traduzir em hábitos cotidianos, mas, também, configurar as escolhas profissionais e técnicas, as opções políticas e as relações interculturais feitas por docentes e discentes. A consciência ecológica não pode ser um discurso “romântico”, tão pouco a adoção de práticas estanques, mas é uma sincera e integrada disposição de reconhecer-se como parte da Criação, de cuja harmonia depende a própria existência. E não são somente conceitos ou estatísticas que movem para essa postura, mas os fundamentos éticos e, no caso da escola confessional, espirituais e religiosos, que possibilitam integrar e potencializar experiências individuais e coletivas sob o signo de uma relação responsável com a natureza e em prol do bem comum.

→Para dialogarmos:

1. Como observamos que o tema da CF 2017 interage com nossa realidade local (instituição educativa, bairro, cidade, região)?
2. Quais são as riquezas e fragilidade do bioma do qual fazemos parte?

Referências:

BÍBLIA. Português. **A Bíblia**. Tradução Ecumênica. São Paulo: Loyola/Paulinas, 1995.
CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL (CNBB). **Campanha da Fraternidade 2017**. Fraternidade, biomas brasileiros e defesa da vida. Manual. Brasília/DF: Edições CNBB, 2016.
CONCÍLIO VATICANO II. **Compêndio do Vaticano II**. Constituições, decretos e declarações. Petrópolis: Vozes, 1968.
FRANCISCO. **Carta Encíclica Laudato Si'**. Sobre o cuidado da casa comum. São Paulo: Paulinas, 2015.
MUNDO EDUCAÇÃO. **Principais biomas brasileiros**. Disponível em: <<http://mundoeducacao.bol.uol.com.br/geografia/biomas-brasileiros.htm>>. Acesso em: 20 jan. 2017.
TODA MATÉRIA. Disponível em: <<https://www.todamateria.com.br/biomas-brasileiros/>>. Acesso em: 20 jan. 2017.